

Projetos socioeducativos e modelos de socialização: análise de uma proposta de "reinvenção" da escola

Renata Silva Bergo
FaE/UFMG, MG, Brasil

Este artigo resulta da dissertação de mestrado “Reinventando a Escola: ideais, práticas e possibilidades de um projeto socioeducativo”, na qual procurei evidenciar e refletir sobre os aspectos centrais de experiências alternativas de educação, focalizando de um projeto específico: o Reinventando a Escola. Para tanto, tomei como base a descrição de cenas cotidianas, entrevistas e análise documental, que constituíram um rico material etnográfico para minha pesquisa acadêmica. Dentre os resultados obtidos na investigação, optei por apresentar aqui o que foi possível identificar como os sentidos que as crianças atribuem às experiências vividas no projeto citado. A percepção desses sujeitos do tipo de proposta socioeducativa que lhes é ofertado foi certamente um dos aspectos mais relevantes evidenciados pela pesquisa.

Analisando a realidade do Reinventando a Escola, abordo em meu trabalho um fenômeno que tem se tornado bastante freqüente nos grandes centros urbanos do Brasil, ou seja, o desenvolvimento de propostas socioeducativas. Em Belo Horizonte (MG), especialmente a partir da década de 1990, observou-se o surgimento de um expressivo número de programas e projetos que, de maneira geral, visam complementar as ações do ensino regular, oferecendo as crianças e jovens (em especial moradores de vilas e favelas) atividades de arte e cultura, cuidados com a saúde, prática de esportes, lazer e reforço escolar. Utilizo a expressão *socioeducativas* para designar tais iniciativas por constatar, em suas propostas e formas de atuação, a presença tanto da dimensão social quanto da educativa.

O Projeto Reinventando a Escola vem sendo desenvolvido na Escola Estadual Dona Augusta Gonçalves Nogueira, localizada em um conjunto de favelas da capital mineira, e é mantido há nove anos por uma parceria entre o poder público e o setor privado. No entanto,

ainda não havia sido realizado nenhum tipo de avaliação ou análise de seus objetivos e possíveis impactos sobre a formação dos educandos que dele participam.

Para alguns críticos, projetos como o Reinventando a Escola podem expressar sobretudo o caráter paliativo de políticas que propõem atacar os efeitos cruéis da desigualdade social. Todavia, frente às questões que enfrentamos hoje, é fundamental darmos visibilidade às tentativas de mudança que ocorreram na escola “Dona Augusta” a partir da implementação de uma proposta alternativa de educação.

O campo da educação construiu ao longo do tempo uma imagem de resistência a inovações, mas experiências reais como aquela revelam que isto não é totalmente verdade. As ações do Projeto, no mínimo, deixam evidente que é possível mudar, fazer algo diferente neste campo historicamente marcado pela permanência e imobilismo. Por esse motivo, acredito que a divulgação dos ideais, práticas e possibilidades dessa iniciativa específica pode contribuir na reflexão sobre nosso atual papel docente e, até mesmo, na construção de subsídios para a formulação de políticas públicas que focalizem a população infanto-juvenil das camadas populares.

Os sentidos da ação

Há aproximadamente dez anos, iniciava-se em uma escola da rede estadual em Belo Horizonte um importante processo de reflexão sobre o desempenho de seus alunos e a qualidade do ensino ofertado. Superada uma visão que patologizava as dificuldades de aprendizagem, o Projeto Reinventando a Escola foi implementado como uma tentativa de se dar uma resposta mais adequada às demandas da população atendida. Esse fato marcou um importante passo dado pelos profissionais daquela escola – passo este que muitas instituições ainda não foram capazes de dar – no sentido de reconhecer a própria estrutura pedagógica e a postura profissional como também possíveis geradoras do chamado “fracasso escolar”, não mais culpabilizando os próprios alunos. Contrariando o que Pablo Gentili e Chico Alencar (2001) chamam de “síndrome da desistência”, que seria um sentimento coletivo de impossibilidade de operar mudanças no campo educacional, os educadores daquela instituição procuraram alternativas que pudessem responder de forma mais eficaz aos novos desafios surgidos.

Visando descrever e analisar a prática socioeducativa do Reinventado a Escola, meu estudo foi desenvolvido com base nos procedimentos metodológicos da abordagem etnográfica, onde “o ponto de partida [...] é a interação entre o pesquisador e seus objetos de

estudo, ‘nativos em carne e osso’” (Fonseca, 1999). Neste sentido, as questões propostas foram abordadas partindo da perspectiva dos diferentes sujeitos envolvidos, especialmente as crianças participantes e, de modo complementar, seus familiares e educadores. Busquei apreender os significados que esses atores sociais atribuem à proposta, às distintas situações, fatos e experiências vivenciados naquele contexto. O principal procedimento metodológico utilizado para a coleta sistemática de dados foi a *observação participante*. Este procedimento permitiu minha inserção no contexto investigado de forma interativa, estabelecendo uma relação de confiança mútua entre as pessoas envolvidas. Isso é possível nesse modelo metodológico pois, à medida que a observação de campo avança, o pesquisador torna-se parte da situação investigada e passa, de alguma forma, a partilhar com os demais sujeitos do significado de estar imerso naquele cotidiano.

As seis turmas do Projeto (três no turno da manhã e três no da tarde) são organizadas de acordo com a faixa etária e o ciclo do ensino fundamental que as crianças cursam. Estas freqüentam as oficinas de segunda à sexta-feira em horário alternado ao de suas aulas do ensino regular. Permanecendo na escola em tempo integral, os participantes do Projeto têm seus horários assim organizados ao longo do dia:

	Alunos do turno matutino	Alunos do turno vespertino
HORÁRIOS	ATIVIDADES	ATIVIDADES
Das 7:00 às 11:15	Aulas do ensino regular.	Quatro oficinas socioeducativas do Reinventando a Escola.
Das 11:15 às 13:00	Almoço, descanso, recreação, oficinas de participação voluntária.	Almoço, descanso, recreação, oficinas de participação voluntária.
Das 13:00 às 7:15	Quatro oficinas socioeducativas do Reinventando a Escola.	Aulas do ensino regular.

De modo geral, as crianças não podem escolher as atividades que gostariam de participar no Projeto, mas há algumas oficinas que nem todas as crianças freqüentam. Os quadros abaixo demonstram a forma como as atividades do Reinventando a Escola estavam organizadas no ano de 2004.

OFICINAS EM QUE A PARTICIPAÇÃO DE TODOS É OBRIGATÓRIA	
Atividades	Nº de oficinas por semana
ARTES	3 oficinas

ARTES CÊNICAS	1 oficina
COZINHA EXPERIMENTAL	1 oficina
HORTA	1 oficina
INFORMÁTICA	2 oficinas
“PARA CASA”	5 oficinas
RECREAÇÃO	1 oficina
REFORÇO ESCOLAR	5 oficinas

OFICINAS EM QUE A PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA OU SELETIVA	
Atividades	Nº de oficinas por semana
BALE	2 oficinas
CORAL	1 oficina
FLAUTA	1 oficina
INGLÊS	1 oficina
PERCUSSÃO	2 oficinas

Entre as turmas que participavam das oficinas socioeducativas naquele período, fiz a opção por concentrar minhas atividades de coleta de dados junto à “turma dos mais velhos”, ou seja, aquela que reunia crianças com idade entre 9 e 12 anos. Fiz essa escolha exatamente com base nesta característica e no perfil geral do grupo: crianças muito falantes, participativas e que freqüentavam as atividades do Projeto há pelo menos 2 anos. Nessa turma, encontrei um grupo muito especial de interlocutores: oito meninas com a característica comum da expressividade e da espontaneidade, mas com histórias de vida e trajetórias escolares muito distintas. Foram elas também que me fizeram companhia em minhas incursões pelo aglomerado de vilas e favelas em que o Reinventado a Escola está localizado.

Foi justamente o grau de proximidade estabelecido entre nós que permitiu que viesse à tona uma série de informações extremamente relevantes para a compreensão daquela realidade. Escolhi essa metodologia por ser impossível inferir certos níveis da experiência educativa a partir somente da análise de documentos oficiais e das entrevistas com os coordenadores pedagógicos. Com efeito, segundo Elsie Rockwell (1999), as múltiplas dimensões dos processos educativos estão presentes tanto nos planejamentos formais e currículos oficiais, quanto nas mais variadas relações e práticas não previstas, que se tornam também significativas na formação dos sujeitos.

Daí a importância de se tentar reconstruir o que os espaços educativos ensinam não exclusivamente pelos documentos que explicitam o seu “dever ser” - para usar uma expressão da autora - mas principalmente a partir do estudo de sua expressão concreta e cotidiana. Nessa perspectiva, apresento aqui algumas reflexões sobre declarações das crianças a respeito do

Projeto buscando fazer dialogar duas fontes de dados: os registros escritos organizados pela escola (*portifólios*) e minhas anotações de campo (registros de falas e observações diárias).

“O Projeto Reinventando a Escola para mim é...”

Elsie Rockwell nos lembra que “permanecer na escola, em qualquer escola, durante cinco horas por dia, 200 dias por ano, seis ou mais anos da vida infantil, necessariamente deixa marcas na vida” (1999:13), sendo que o conteúdo e o significado dessa experiência variam de acordo com cada experiência particular. Assim sendo, podemos dizer que os alunos e alunas participantes do Reinventando a Escola, ao permanecerem diariamente 10 horas e 15 minutos dentro dos limites da escola (cerca de 43% do seu dia) estão vivenciando uma experiência muito particular, que marcará suas vidas de um modo distinto.

Se pensarmos somente nos 200 dias letivos previstos no calendário escolar, sem contar com as ocasionais festas e outros eventos que podem acontecer nos finais de semana ou no turno da noite, constatamos que aquelas crianças permanecem na escola aproximadamente 50 horas por semana, 200 por mês e 2000 por ano. O significado dessa vivência é algo inteiramente subjetivo, ao qual apenas de modo parcial é possível termos acesso. Entretanto, a investigação de tipo etnográfico permite uma maior aproximação dos múltiplos sentidos que as experiências podem adquirir.

Logo, para uma melhor compreensão das ações socioeducativas empreendidas no Reinventando a Escola, e visando apreender os significados que os diferentes sujeitos atribuem a elas, considero de suma importância abordar algumas de suas falas, registradas ao longo da pesquisa de campo. Ao se expressarem – de forma oral ou escrita – sobre “o que gostam e o que não gostam”, os “pontos positivos e negativos” e “o que já está bom e o que ainda falta ser feito”, as crianças realizaram uma avaliação informal do Projeto. Deste modo, tornaram evidente uma série de aspectos extremamente relevantes para a compreensão dos fenômenos que ali ocorrem, os quais, num primeiro momento, passar despercebidos aos olhos do pesquisador.

Para a análise destas questões, os portfólios anuais organizados pelas educadoras e pela equipe de coordenação foram importantes fontes de consulta, como espero desmontar a seguir. Desde a criação do Projeto em 1998, esses profissionais reúnem em pastas modelos de cada uma das atividades realizadas pelas crianças (geralmente são selecionados os “melhores trabalhos”), fotografias e textos sobre os eventos, festas e excursões que ocorrem ao longo do ano. Além de todo esse material, compõem ainda esses portfólios (neste caso sem seleção) trabalhos especialmente desenvolvidos com as crianças, com o fim de se obter uma avaliação do que vem sendo feito enquanto ação socioeducativa na escola. Como declarou a supervisora pedagógica, esse tipo de atividade “permite que as crianças expressem o que pensam e sentem sobre o Projeto e o que tudo isso tem significado para elas”.

Essa atividade especial geralmente é realizada nas últimas semanas letivas, consistindo em produções (desenhos e textos) individuais das crianças, a partir de uma pergunta central que varia a cada ano. Por exemplo, a frase que dá título a este tópico motivou as produções no encerramento das atividades do Projeto em 2003. Algumas perguntas sugeridas em outros anos foram:

1. Por que estou no Projeto?
2. O que mais me marcou no Projeto?
3. O que é o Projeto?
4. O que eu mais gosto no Projeto?

As respostas dadas à pergunta número 1, por exemplo, revelam muito sobre o sentido das ações socioeducativas para as crianças participantes. Abaixo estão listadas as respostas em ordem decrescente de vezes em que foram citadas pelos alunos:

- 1º- “Porque eu quero aprender coisas boas e novas”.
- 2º- “Para não ficar em casa” (são apontadas diferentes justificativas para não se querer ficar em casa, já que isso implicaria: “ficar sozinho”, “fazer nada”, “fazer nada de bom”, fazer tarefas domésticas, cuidar de irmãos mais novos).
- 3º- “Para estudar mais e melhorar na escola”.
- 4º- “Porque eu gosto das atividades que tem no Projeto”.
- 5º- “Para não ficar na rua” (“aprendendo violência”, “fazendo o que não deve”, “com más companhias”).
- 6º- “Porque minha mãe acha que no Projeto eu estou protegido” (de “bala perdida”, de “ladrão”, de “acidente”).

Declarações como a que aparece na primeira frase acima foram também as mais comuns apresentadas pelas crianças em nossas conversas ao longo da pesquisa. Através de afirmações como “No Projeto eu aprendi coisas que eu não sabia fazer”, “conheci lugares diferentes” e “fiz novos amigos”, as crianças traduziam a representação das oficinas como importantes espaços de socialização e ampliação das possibilidades de acesso a bens culturais diversos. Além disso, os alunos fizeram menção também ao fato de o Projeto possibilitar que eles estejam afastados de situações que consideram perigosas (ficar na rua) ou desagradáveis (ficar em casa). Sobre este último aspecto é importante lembrar que a maioria das crianças atendidas reside com um grande número de pessoas em espaços muitas vezes exíguos. Através de visitas a algumas residências de educandos, pude verificar que, em média, elas possuem 4 cômodos e abrigam 7 pessoas. Sendo assim, creio que, além de quererem evitar os

serviços domésticos, as crianças provavelmente também buscam na escola ambientes de convivência menos sufocantes.

Outro aspecto importante apresentado pelos educandos como justificativa para sua permanência no Reinventando a Escola é um melhor desempenho escolar. Eles acreditam que a participação nas oficinas socioeducativas que a escola oferece contribui diretamente para a melhoria da aprendizagem no ensino regular, sendo considerada um dos “resultados” mais importantes dessa participação. Assim, frases do tipo: “o Projeto é bom porque a gente aprende mais”, “fica mais inteligente”, “melhora na escola”, foram freqüentemente ditas pelas crianças ao longo do período em que estive em campo.

Entretanto, é interessante observar que as atividades menos citadas nas respostas à pergunta “O que eu mais gosto no Projeto?” foram as oficinas mais “escolarizadas”, como o Reforço Escolar e o Para Casa. Isso talvez revele que as crianças percebem, que é possível “melhorar na escola” não somente através de uma organização dos tempos e espaços de aprendizagem calcada nos moldes escolares. Percebem que participando de atividades cuja organização consegue – de certo modo e em certas circunstâncias – “reelaborar” os modos de ensinar e aprender, como a Cozinha Experimental e a Horta, é possível a vivência de experiências e a aquisição de conhecimentos e habilidades que podem contribuir para a melhoria do desempenho escolar. Como afirma Juarez Dayrell, em atividades como essas, “realizadas fora dos marcos do que são considerados efetivamente pedagógicos”, o prazer e o lúdico são permitidos, fazendo com que elas se tornem experiências educativas intensas (1996: 158).

Já as atividades mais citadas em resposta à pergunta mencionada acima foram o Balé e as apresentações de dança, seguidas das excursões e das oficinas de Informática. Durante o ano em que realizei a pesquisa, as crianças fizeram numerosas apresentações na própria escola, tendo como platéia parentes, amigos e vizinhos, mas também tiveram a oportunidade de se apresentar a outros públicos, em palcos fora de seu ambiente escolar. Extrapolando os limites do aglomerado em que moram (onde circulam quase que exclusivamente), as crianças exibiram coreografias preparadas pelos educadores nas oficinas de Balé do Projeto, em espaços como parques públicos, colégios e clubes.

Chamo a atenção para este aspecto pelo fato de que a forte insistência na manutenção da ordem revelou-se uma característica muito marcante no tipo de interação social ali vivido entre as crianças e as educadoras no Reinventando a Escola. A ordenação e o controle sobre as ações e falas das crianças tornam-se especialmente marcantes nesse contexto, justamente por

se tratar de experiências vivenciadas em oficinas socioeducativas, e não em salas de aula do ensino regular, onde talvez a presença de tais posturas não causasse tanto estranhamento.

Portanto, foi interessante observar que, mesmo em uma proposta como aquela, que nasceu com o objetivo de trazer mudanças profundas no modo de socialização de conhecimentos, onde se poderia esperar uma maior flexibilidade com relação a aspectos como tempo e espaços de ensinar e aprender, o que observei foi uma rigidez em seu controle. As educadoras do Reinventando a Escola, na maioria das vezes, terminavam por obedecer à estruturação burocrática do tempo, em detrimento dos múltiplos ritmos e interesses das crianças. A atenção dada à organização dos educandos e dos materiais nos distintos ambiente da escola estava muito presente nos momentos de interação. Ordem e controle eram então tomados rotineiramente como necessidades pedagógicas, como condições imprescindíveis para que algo pudesse ser ensinado e, principalmente, aprendido nas oficinas socioeducativas.

Uma análise superficial poderia tomar como óbvia a preferência das crianças por atividades como a dança e as excursões. Mas é importante lembrar que também nestas atividades há a presença dos preceitos da ordem e do controle. Mesmo em circunstâncias como festas, exposições de trabalhos e exibições artísticas, estavam presentes dispositivos reguladores dos tempos e espaços. Entretanto, estas ocasiões permitiam, com mais frequência, a emergência de formas mais flexíveis de organização e de interação. Assim, em um contexto excessivamente marcado pela ordenação e pelo controle, situações que provocam mudanças na estrutura de trabalho e criam novos espaços de aprendizagem e sociabilidade ganham destaque na percepção dos sujeitos.

Além disso, a grande satisfação que meninas e meninos demonstram em participar das atividades de dança (sejam elas aulas ou exibições públicas), pode ser facilmente compreendida se pensarmos de forma análoga à análise que Alba Zaluar faz da adesão de crianças a programas sociais de esporte:

“Na pedagogia da sala de aula é o professor que está no centro da cena, é o professor que detém a palavra e que ocupa o palco, simbolizado pela mesa extensa e a platéia das carteiras viradas em sua direção. [...] As críticas que se podem fazer nesse sentido ao ensino presentista, que pouco mudou desde a Idade Média, dificilmente se aplicariam ao professor de esportes que, ao contrário, não ocupa nenhum palco, apesar de deter o saber. É o aluno que se desloca em movimentos e joga, o centro das atenções de todos que assistem à exibição. É dele a ação, para ele convergem os olhares” (1994).

Outro aspecto também importante observado na produção “avaliativa” dos portfólios realizada pelas crianças, é que há uma evidente escassez de críticas, ressalvas, observações ou outro tipo de comentário desfavorável a respeito do que vem sendo desenvolvido no

Reinventando a Escola. Em todo o material que compõe esses portfólios, pode-se encontrar como manifestações nesse sentido apenas frases como:

- “Eu fiquei triste com o projeto porque eles tiraram minha amiga”.
- “Eu gosto de tudo que tem no projeto. Só não gosto quando as professoras brigam com a gente”.
- “Eu queria que meus primos entrassem no projeto, mas não tem vaga pra todo mundo”.
- “No projeto podia ter uma piscina e natação”.

De modo algum pode-se atribuir a carência de críticas a um conformismo ou a uma idéia de que “pobres ficam satisfeitos com qualquer coisa”, idéia esta que, como enfatiza Alba Zaluar, “é uma ilusão de classe que alimentou os políticos clientelistas durante anos e provocou o fracasso de suas políticas” (1994: 85). A noção de “carência” permeia uma forma retrógrada de compreender as atitudes das populações de baixa renda. Seria como se a falta de recursos materiais as fizessem necessariamente menos exigentes em termos da qualidade do que lhes é oferecido e que, portanto, seria preciso muito pouco para agradá-las. No entanto, é justamente pelo fato de procurarem um determinado tipo de formação para seus filhos que muitas mães, e as próprias crianças, optam pelo Projeto Reinventando a Escola. Assim, a análise deve seguir uma direção completamente diferente.

Questionando a supervisora pedagógica sobre a escassez de críticas, ela declarou que durante o desenvolvimento desse tipo de produção avaliativa, os alunos são estimulados a “apontar os pontos positivos e negativos do Projeto”. Mas ela acredita que, pelo fato da participação ser voluntária, as crianças que têm “alguma queixa ou não gostam de alguma coisa” que acontece nas oficinas simplesmente deixam de participar da atividade. Apesar das crianças poderem optar também por se identificar ou não em suas produções, parece que elas não se sentem suficientemente à vontade para externalizar uma possível avaliação negativa da proposta do Reinventando a Escola. A própria maneira como a atividade é conduzida e as perguntas que são propostas como motivadoras das produções podem inibir este tipo de manifestação.

Não obstante, se isso acontece naquelas ocasiões específicas, a convivência e a atenção dada às falas e situações cotidianas podem ser mais reveladoras das percepções e opiniões dos sujeitos sobre as experiências vivenciadas naquele contexto. Logo, a observação participante possibilitou-me ter acesso a algumas informações subjetivas que o material disponibilizado pela escola não foi capaz de revelar. Certamente pelo fato de não pertencer ao corpo docente do Projeto, e de não ser funcionária da escola ou ter qualquer outro tipo de

vínculo oficial com a instituição, foi possível tornar-me, ao longo do tempo, uma espécie de “guardião” de alguns “segredos” das crianças.

Conversando informalmente sobre os mais diversos temas, como paquera, namoro, família, escola, a vida na favela, amizades, brigas, conquistas, derrotas, alegrias e tristezas, ouvi e vi manifestações tanto de aprovação, quanto de reprovação das atividades do Projeto. Essa convivência, apesar de ter ocorrido prioritariamente no espaço escolar, não se restringiu a seus limites. Assim, foi interessante observar que a escola e as experiências vivenciadas no Projeto foram temas bastante frequentes em nossas conversas que aconteceram em diferentes espaços sociais, como suas residências, ruas, becos, praça e parquinho do aglomerado onde moram.

O tipo de relação que estabeleci com essas crianças permitiu-me analisar de duas formas (sendo que uma não exclui a outra) a carência de críticas à proposta. Em primeiro lugar, é necessário lembrar que para se realizar uma avaliação de algo ou alguém é preciso ter algum parâmetro ou conhecer outras possibilidades, formas, alternativas em relação a esse algo ou alguém, que tragam contrapontos e tornem possível uma comparação. Quando conhecemos, por exemplo, pelo menos duas maneiras diferentes de se realizar uma determinada tarefa é mais provável que consigamos identificar o que uma tem de melhor e o que falta na outra, o que é possível fazer e o que não é, o que pode ser mudado, o que está bom e o que não está. Ao passo que, se conhecemos apenas uma forma de realização dessa tarefa, a tomamos como única, como inevitável, ficando praticamente impossível a identificação de falhas, equívocos ou “pontos negativos”. As crianças participantes do Projeto se encontram neste tipo de situação.

Por serem muito novos (com idades entre 6 e 12 anos) esses sujeitos vivenciam experiências culturais e circulam por esferas sociais ainda de número e tipos muito restritos. De modo geral, em seus primeiros anos de vida, uma criança permanece circunscrita ao âmbito familiar. Mesmo nas camadas populares, sobre as quais recai uma noção comum de total liberdade infantil, há uma limitação dos espaços e situações permitidos à sua circulação. Dessa forma, no caso específico do Reinventando a Escola, as crianças que ingressam aos 6 anos passam de uma convivência quase exclusivamente familiar, para uma vivência de 10 horas diárias em ambiente escolar. Se pensarmos que, diariamente, das 14 horas em que elas não estão na escola, aproximadamente 8 horas são passadas dormindo, constatamos que lhes restam apenas 6 horas para participarem de experiências sociais diversificadas. Logo, sem conhecerem outras experiências educativas diferentes daquelas vividas no contexto do Projeto, realizar uma avaliação do mesmo torna-se uma tarefa extremamente difícil.

Uma outra forma de analisar o número pouco expressivo de críticas dirigidas às ações do Reinventando a Escola é a existência de uma inegável afinidade das crianças com as atividades socioeducativas oferecidas. Dialogando com elas e observando suas atitudes, tive a oportunidade de confirmar que os participantes se identificam com a proposta do Reinventando a Escola, como expressam estas falas registradas em meu caderno de campo:

Aluna 1: “Você lembra como é que eu era ano passado? A N. C. [diretora da escola] não agüentava mais, todo dia eu ia pra sala dela. Esse ano eu tô quietinha, senão ela me tira do Projeto”.

Pesquisadora: “E você não quer sair, não?”

Aluna 1: “Eu não. Eu não tenho nada pra fazer lá em casa. Se eu ficar lá a minha vó me põe pra lavar vasilha”.

Aluna 2: “Minha mãe queria me tirar do Projeto pra ficar olhando o menino dela. Deus me livre! Eu prefiro ficar aqui o dia inteiro do que agüentar aquele menino berrando”.

Aluna 3: “Ficar aqui no Projeto é muito melhor do que ficar na rua. Minha mãe não deixa eu ficar com minhas amigas na rua. Aí aqui eu posso ficar com elas, a gente faz o para casa juntas, brinca, conversa...”

Aluno 1: “Já tem dois anos que minha mãe me pôs aqui e eu não quero sair nunquinha”.

Pesquisadora: “É mesmo, por quê?”

Aluno 1: “Antes ‘toda mão’ a minha professora colocava bilhete no meu caderno. Agora não. Se você quiser eu te mostro. Meu caderno tá limpinho, num tem nenhum bilhete mais. Agora eu tô bem melhor”.

Aluno 2: “Eu que ligo o computador pra fessora. Eu sei achar os joguinhos, abrir a internet... Eu nunca tinha mexido. A fessora ensinou um dia e eu aprendi [...] A aula que eu mais gosto é de computador. Eu queria trabalhar de negócio de computador. Dá mô dinheiro, sô”.

Aluna 4: “Quando minha irmã entrou no Projeto eu até chorei que eu queria entrar também”.

Pesquisadora: “Por que você queria entrar?”

Aluna 4: “Ah, ela fazia um monte de passeio, tinha apresentação... e quando ela chegava em casa não precisava nem fazer o para casa, já tinha feito aqui”.

É importante observar que as crianças justificam basicamente de duas maneiras o interesse que têm em participar das atividades do Projeto. Em parte esse interesse é despertado pelo que é ali oferecido (passeios, apresentações, orientação no “para casa”, oportunidades de adquirir conhecimentos que futuramente podem dar “mô dinheiro”, etc). Com isso, sentem-se atraídas pelo que há e pelo que está acontecendo no Projeto. Além disso, o Reinventando a Escola é visto também como um importante espaço de encontro e socialização, onde as crianças se sentem seguras para estudar, brincar e conversar. De outra parte, o interesse aparece não tanto pelo que o Projeto é capaz de proporcionar, mas sim pelo que é capaz de evitar que aconteça. As oficinas se tornam atraentes frente ao que elas não querem fazer fora do Projeto, como lavar vasilhas e cuidar de bebês. De qualquer modo, as falas e atitudes das crianças revelam que a participação nas atividades socioeducativas da escola tem ajudado na aquisição de maior auto-confiança e melhorado a auto-estima, fatores fundamentais para a construção de uma identidade positiva.

Assim, pode-se concluir que as crianças – apesar de parecerem um pouco cansadas por permanecer num mesmo ambiente por cerca de dez horas diárias, de segunda à sexta-feira – demonstram claramente que gostam muito das atividades realizadas no Projeto. E isto especialmente por ser um espaço de socialização que lhes proporciona o contato com diversos tipos de experiência, das quais se encontravam anteriormente excluídas. A partir da análise de todo o material escrito consultado e as observações de campo, acredito que os principais motivos que constituem a satisfação e identificação dos participantes com essa iniciativa podem ser assim sintetizados:

- melhoria na aprendizagem e no comportamento em sala de aula;
- oportunidades de conhecer e manusear diferentes tipos de materiais;
- acesso a experiências artístico-culturais (tanto na condição de participante, quanto na de expectador);
- realização do “para casa”;
- desenvolvimento de habilidades (dança, percussão, artesanato, culinária, informática, entre outras).

Mas, como não poderia deixar de ser, em meio às muitas declarações de apoio, as crianças também “confidenciaram” algumas queixas importantes, que não aparecem nas páginas dos portfólios. Estes foram os três tipos de queixas mais comuns apresentadas pelas crianças:

“Eu não sei porque no Projeto a gente tem que escrever tanto. De manhã a professora já encheu o quadro, agora essa professora aí. Eu queria que o Projeto fosse mais ficar brincando”.

“Tem hora que cansa ficar o dia inteiro aqui na escola”.

“Tem dia que o Projeto é tão chato! Tem umas coisas que eu odeio. Eu odeio aquela horta, odeio a informática... nossa! Eu gosto mais é só de desenhar, de escrever... mais essas coisas, sabe? [...] a gente não pode escolher, tem que fazer tudo que tem. Você não pode nem ir embora se quiser, se no dia você não quiser ficar, sabe? [...] Elas faz chamada igual na escola e conta pra mãe da gente. É igual escola mesmo”.

Repetidas vezes, as crianças mencionaram como principal “ponto negativo” do Reinventando a Escola a sua semelhança com a estrutura e dinâmica do ensino regular (“escola”). É importante lembrar que, segundo os profissionais que idealizaram o Reinventando a Escola, os principais objetivos de sua criação eram provocar mudanças na forma de relação entre professores e alunos e o desenvolvimento de uma dinâmica diferenciada de trabalho. O desenvolvimento de uma “identidade pedagógica” própria configuraria então na “reinvenção” da escola, distinguindo as práticas educativas do Projeto

no que diz respeito aos "conteúdos" a serem ensinados, mas principalmente quanto ao modo de ensinar.

No entanto, os dados empíricos revelaram que, no modelo de socialização presente nas oficinas socioeducativas, tem predominado uma série de aspectos característicos da instituição escolar. Assim, busquei na teoria da “forma escolar” (Guy Vincent, Bernard Lahire e Daniel Thin, 2001) leituras possíveis para esse quadro. Segundo os autores, a forma escolar:

"se caracteriza por um conjunto coerente de traços – entre eles deve-se citar, em primeiro lugar, a constituição de um universo separado para a infância; a importância das regras na aprendizagem; a organização racional do tempo; a multiplicação e a repetição de exercícios, cuja única função consiste em aprender e aprender conforme as regras ou, dito de outro modo, tendo por fim seu próprio fim" (2001: 37-38).

Essa definição me permite dizer que, apesar de apresentarem algumas pequenas variações, as ações socioeducativas do Projeto Reinventando a Escola estão predominantemente inscritas na lógica da forma escolar, na qual professores e alunos estão submetidos a imperativos impessoais e princípios reguladores da conduta. Retomando alguns aspectos da descrição do cotidiano no Projeto, podemos identificar – além dos “traços” anteriormente citados como característicos da forma escolar – outros fatores que também sinalizam claramente o modelo de socialização que emoldura suas ações:

- divisão das turmas por faixa etária;
- adoção de certas posturas, mecanismos e instrumentos didáticos que transformam as oficinas socioeducativas em *aulas*;
- organização gradual das atividades;
- obediência à estruturação burocrática do tempo;
- espaços cuidadosamente ordenados e regulados;
- detalhamento das formas de ocupação do tempo ao longo do dia;
- utilização de carteiras individuais, quadro-negro, chamadas;
- exercícios do tipo pergunta-resposta;
- turnos de fala.

Nas declarações das crianças, percebe-se que dentre as características comuns do Projeto com o ensino regular, as mais criticadas eram a realização excessiva de exercícios de reforço dos conteúdos curriculares e a impossibilidade de escolherem as aulas/oficinas das quais gostariam de participar. Isto fica bastante evidente neste diálogo registrado em meu caderno de campo:

Ao meu lado estava sentado um menino que permaneceu todo o horário da oficina tentando consertar o fecho de seu colar e, portanto, não fez nem a atividade de matemática, nem a cópia do texto.

Pesquisadora: *“Você não vai fazer o exercício, não?”*

Aluno: *“Eu não”*.

Pesquisadora: *“Mas a B. disse que quem não fizer agora vai fazer na hora do recreio”*.

Aluno: *“Eu prefiro copiar no recreio. Ah, eu não gosto de ficar nessa aula, parece escola. A gente tem que copiar tudo. Quase tudo que tem é coisa pra copiar. Eu não sei pra que isso. Eu não gosto de ficar fazendo exercício aqui”*.

Pesquisadora: *“E na escola, você faz tudo que a professora pede?”*

Aluno: *“Aí eu faço. É diferente. Na escola é muito melhor”*.

Pesquisadora: *“Por quê?”*

Aluno: *“Ah, chega na hora do Projeto eu já tô cansado. Já tem a escola, agora aqui, ah nem... Eu vou pedir pra minha mãe me tirar do Projeto”*.

De modo indireto, as falas citadas sinalizam alternativas para o encaminhamento e estruturação das oficinas socioeducativas. Os educandos apontam aspectos que poderiam ser pensados enquanto possíveis orientadores para a (re)organização das ações do Reinventando a Escola. Reorganização esta que talvez pudesse produzir a tão desejada “identidade” das atividades socioeducativas, distinguindo-as mais eficazmente das atividades do ensino regular. Além do mais, como veremos a seguir, esses tipos de queixas das crianças participantes vão coincidir com as justificativas apresentadas por outro grupo de alunos para o não-interesse em frequentar o Projeto.

Com o intuito de apreender outras percepções a respeito das atividades do Reinventando a Escola, um grupo de 52 crianças que são alunos da instituição, mas não frequentam o Projeto, foram convidadas a responder um pequeno questionário. Esses alunos, com idades entre 9 e 11 anos, fazem parte de duas turmas do ensino regular nas quais também estudam crianças que frequentam as oficinas socioeducativas. Logo, tais alunos entram constantemente em contato com as ações do Projeto, quer seja de forma direta (pela convivência intensa na sala de aula e nas festas que envolvem toda a comunidade escolar), quer seja de forma indireta (recebendo “notícias” do Reinventando a Escola através de terceiros, cartazes ou exposições de trabalhos confeccionados nas oficinas).

Assim, o fato de não estarem completamente envolvidos com o Projeto, mas manterem algum grau de contato, possibilita que tenham uma visão diferenciada do quê ali ocorre. Além disso, é justamente o “estar fora” que lhes dá maior liberdade para fazer críticas, apontar possíveis equívocos, bem como o que tem sido percebido como pontos positivos da proposta. Dos 52 questionários distribuídos, 41 foram respondidos e devolvidos, o que considero uma amostra interessante para termos uma noção da forma como as ações socioeducativas estão sendo compreendidas de modo geral pelo corpo discente da escola. Dentre as cinco perguntas que compunham o questionário, aqui duas interessam em especial.

A primeira delas era “Você já participou do Projeto Reinventando a Escola? Se sim, por que saiu?”. Do total, 27 crianças afirmaram nunca terem participado e 14 responderam que sim, apresentando as seguintes justificativas para sua saída:

1. “Eu não queria ficar na escola o dia todo”.
2. “Eu saí porque eu não gostei”.
3. “Eu saí porque eu queria fazer balé e a turma estava cheia, agora eu faço na associação”.
4. “Eu saí porque eu quis”.
5. “Fui expulso”.
6. “Minha mãe me tirou”.
7. “Porque era muito cansativo”.
8. “Porque estava chato”.
9. “Porque eu fui expulsa”.
10. “Porque eu quero fazer balé, computação e natação”.
11. “Porque não tinha vaga”.
12. “Porque o projeto estava ruim”.
13. “Quero, mas não tem vaga”.
14. “Saí porque estava dando dor de cabeça”.

Com exceção da criança que afirmou ter sido “tirada” do Projeto pela mãe (cujo motivo é impossível inferir apenas desta resposta), todas as outras 13 crianças mencionaram aspectos desagradáveis do Reinventando a Escola (o fato de terem sido “expulsas” ou deste ser “cansativo”, “chato”, provocar “dor de cabeça”, “não ter vaga”, obrigá-las a “ficar na escola o dia todo” ou não oferecer as atividades das quais gostariam de participar) como sendo os responsáveis por elas terem deixado de frequentá-lo. É interessante observar também que uma das crianças faz referência à sua vontade de “fazer balé, computação e natação” como a razão para sua saída. Se pensarmos que dentre as três atividades por ela citadas, duas são oferecidas no Projeto (balé e computação), podemos depreender que talvez ela não aprove o modo como tais atividades são desenvolvidas no interior da proposta.

Para auxiliar na análise dessas falas, apresento a segunda pergunta deste questionário que nos interessa aqui, pois as respostas dadas a ela expressam o que as crianças “de fora” consideram positivo naquela iniciativa e o que lhes desperta o interesse, ao mesmo tempo em que sinalizam o que não aprovam ou gostariam que fosse diferente. A pergunta é esta: “Você tem vontade de participar, ou voltar a participar, do Reinventando a Escola?”. Responderam sim, 42% das crianças; portanto a maioria (58%) declarou não desejar frequentar ou voltar a frequentar as atividades do Projeto. Não foram listadas abaixo todas as repostas dadas pelos

alunos, mas somente frases que resumem seu sentido geral. As crianças que afirmaram desejarem participar das oficinas socioeducativas assim justificaram, em ordem alfabética:

1. “É muito melhor, ensina a não ficar nas ruas vendendo drogas”.
2. “Ensina as crianças pequenas e a nós todos coisas boas”.
3. “Eu quero conhecer lugares diferentes e no Projeto tem muito excursão”.
4. “Para estudar e brincar”.
5. “Porque a gente aprende muito mais”.
6. “Porque é bom”.
7. “Porque é legal a informática e fazer o para casa”.
8. “Porque eu nunca participei e me deu vontade de participar”.
9. “Porque eu quero melhorar na escola”.
10. “Porque minhas notas não estão boas”.
11. “Porque quero estudar muito”.
12. “Porque tem balé”.

Já as crianças que disseram não ter interesse, apresentaram os seguintes motivos:

1. “Não ia dar tempo de brincar direito e de ajudar em casa”.
2. “Não, por causa do meu balé na associação” / “porque eu estou agora em outros projetos, mas não são da escola” / “porque senão vou ter que sair do balé, computação e da natação”.
3. “Porque nunca tem vaga”.
4. “Porque de tarde tem alguém que cuida de mim” / “porque minha mãe trabalha só meio horário, eu fico com ela de tarde”.
5. “Porque é muito cansativo”.
6. “Porque eu não gosto de ficar o dia todo fora de casa” / “porque eu não gosto de ficar a tarde inteira na escola”.
7. “Porque faço cursos e ajudo em casa”.
8. “Porque não gostei”.
9. “Porque não”.

Essas respostas revelam que parte das crianças reconhece as atividades do Reinventando a Escola como interessantes, mas outra parte as vê como limitadoras. Como observou Elsie Rockwell, “a experiência escolar tem um peso importante no contexto formativo da criança. [...] No entanto, ela também ‘fecha’ opções, ou seja, por freqüentar a escola as crianças perdem outras experiências formativas” (1999: 16) (Tradução minha). Assim, ao participar das atividades do Projeto, o aluno perderia a oportunidade de freqüentar

outras atividades de seu interesse (como “o balé na associação”, ou a muitas vezes destacada natação), em espaços e circunstâncias menos “cansativos” do que os oferecidos no ambiente escolar. Entretanto, é conveniente observar que a grande maioria das justificativas para o interesse das crianças em participar ou voltar a participar das oficinas socioeducativas tem alguma relação com a aprendizagem. Isso coincide com as respostas dadas pelas crianças que já participam das oficinas socioeducativas, deixando claro que também as crianças dão grande importância à escolarização.

Apesar de persistirem alguns entraves, a história do Reinventando a Escola pode seguramente ser considerada uma história de sucesso. Não se trata de um projeto episódico, isolado ou desligado das demais atividades da comunidade na qual está inserida. Não tendo sofrido os efeitos da já tradicional descontinuidade administrativa, a escola “Dona Augusta” conseguiu mudanças importantes da realidade difícil em que se encontrava no final da década de 1980. Além do mais, a evidente identificação que as crianças e seus familiares apresentam com relação às ações do Projeto, não deixa dúvidas sobre o valor positivo que essa iniciativa adquiriu junto à população atendida. Ao lado de uma percepção mais utilitária e imediata do Reinventando a Escola (tirar da rua, ocupar o tempo) há também uma grande valorização de sua dimensão formativa e de sua capacidade de promover lazer, sociabilidade e acesso a diferentes bens culturais.

É esse conjunto de aspectos que gera a identificação das pessoas, pois apenas uma percepção prática do Projeto não seria suficiente para mantê-las envolvidas com a proposta, se esta não tivesse a capacidade de despertar o interesse, atrair, motivar e cativar a atenção e curiosidade dos diferentes sujeitos que a ela se dirigem. De seu processo de “reinvenção”, é possível identificar que a escola em questão alcançou importantes avanços em principalmente três aspectos: superação da patologização das dificuldades de aprendizagem; questionamento sobre a própria forma de atuação e estrutura escolar; e maior sensibilização dos profissionais com relação ao mundo de cultura no qual os alunos estão inseridos.

Finalizando minhas reflexões, quero ressaltar que não há ainda um número significativo de publicações e pesquisas acadêmicas que se dediquem ao estudo dos espaços não-escolares de educação. Em face disso, torna-se urgente a realização de investigações que focalizem diferentes espaços e situações de aprendizagem. Talvez esses novos conhecimentos possam vir a orientar a elaboração e a reestruturação de políticas públicas no campo educacional, e serem também úteis à prática dos profissionais interessados em compreender as recentes demandas da área. Ou seja, no limite, uma maior aproximação de diferentes tipos de ação socioeducativa pode configurar-se como uma oportunidade de se conhecer outras formas

de ver e de socializar, bem como ordenamentos alternativos de elementos do passado e do presente imersos na vida cotidiana das escolas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARROYO, Miguel G. *Imagens Quebradas*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- ENGUIITA, Mariano Fernandez. *A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: 1989
- ESCOLA ESTADUAL DONA AUGUSTA GONÇALVES NOGUEIRA, *Projeto Reinventando a Escola - Proposta Pedagógica*. Belo Horizonte: 1998.
- EZPELETA, Justa e ROCKWERLL, Elsie. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez, 1989.
- FILHO, Luciano Mendes de Faria. *Instruir, Civilizar, Qualificar: representações sobre o trabalho na cultura escolar*. *Trabalho e Educação*. Belo Horizonte, nº1, fev/jul, 1997.
- _____. (Org.) *Ensino da Escrita Escolarização dos Corpos: uma perspectiva histórica*. In: *Modos de Ler Modos de Escrever*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso - pesquisa etnográfica e educação*. *Revista Brasileira de Educação*. 1999. n.10.p.58-78.
- GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico. *Educar na esperança em tempos de desencanto*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. *"Anjos sobre a cidade" - a criança de favela em seu mundo de cultura*. 1990. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.
- JACINTO, Claudia. *¿Qué estrategias educativas para los niños y jóvenes desfavorecidos en América Latina?*. *Revista de Ciencias de La Educación*, nº 178/179, 1999.
- ROCKWELL, Elsie. *La escuela cotidiana*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1995.
- _____. *Tres planos para el estudio de las culturas escolares: el desarrollo humano desde una perspectiva histórico-cultural*. *Interações*, São Paulo, v 5, nº 9, 2000.
- SACRISTÁN, Jose Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: ArtMed, 2005.
- TODOROV, Tzvetan, *A conquista da América: a questão do outro*, tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard & THIN, Daniel. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, nº 33, junho, 2001.